

# FACA DE PONTA, ÁGUA NO CESTO

CARLOS MACHADO

## 1. CRIANÇAS

Outrora, é certo, não havia crianças.  
Havia brotos humanos:  
bichinhos de pequeno porte,  
de boa estimação e nula serventia.

“Criança e tamanco, debaixo do banco”,  
escancarava o dito do sertão.

E os dois meninos sem nome,  
nas Vidas Secas,  
valiam menos que a cachorra Baleia.

## 2. FABIANO

O soldado amarelo  
é o Estado-deus  
soberano  
quando a vítima  
não passa  
de um sertanejo  
Fabiano.

Fabiano sem fala  
cão engasgado  
com o osso  
da História:  
preto, pardo,  
pobre. Chamariz  
de polícia.

## 3. SINHÁ VITÓRIA

Sinhá Vitória não diz.  
Murmura. Rezinga.

O sertão é faca de ponta.  
Touceira de espinhos.

Não há por que riso solto,  
dentes no quaradouro.

Mulher – quem não sabe? –  
põe as tralhas no eixo  
põe a vida no cabresto.

Nem que seja apenas  
carregar água no cesto.

## 4. O SOLDADO AMARELO

Nas vidas secas  
o soldado amarelo  
é o Estado  
em seu estado bruto:  
sem lei, sem estatuto.

Feixe de privilégios  
que se trança e se tranca  
dentro de um ninho  
de serpentes.

Cobras de vidro.  
Seu bote  
está sempre armado  
contra quem se atreva  
a demandar porquê.

## 5. O CINTURÃO

O menino Graciliano  
conhece o peso da justiça  
após o sumiço  
do cinturão do pai.

Justiça, vírgula, essa  
mão sinistra  
que desaba sobre  
os fracos e desprotegidos.

Sob o tacão do soldado amarelo  
o homem Fabiano  
entala. Mais devastado que  
o menino Graciliano.

## 6. OS DOIS MENINOS

O menino maior  
e o menino menor  
são como dois bichinhos:

calango, preá  
– cabras pequenos, em sentido  
amplo e absoluto.

Mas há esses negócios de mãe,  
você sabe. Sinhá  
Vitória concede a eles  
outro estatuto.

Mas que são bichos, são.  
Criaturas do chão.

## 7. BALEIA

Daria parte do sangue  
que corre nas minhas veias

para ver feliz e arisca  
essa cachorra Baleia.

Mas é a desgraça.  
A fome, a peste, a Cachorra.

Se é seu destino morrer,  
desculpe, Baleia... morra!

## 8. ADEUS

Faca de ponta,  
água no cesto.  
Que água, meu Deus,  
se é tudo seco?

Secas as fontes,  
estorricados  
pasto e caminhos.

Restam as facas,  
brilhos mesquinhos.

Resta o suplício  
de olhar o mundo:  
chão sem guarida,  
calvário mudo.

Adeus, sertão.

CARLOS MACHADO

baiano de Muritiba, é poeta e jornalista. Edita o boletim quinzenal poesia.net.